

FACULDADE ÁGORA - FAG
BACHARELADO EM PSICOLOGIA

LUCIARA LAURINI DA ROCHA

A AUTOLESÃO NÃO SUICIDA NA ADOLESCÊNCIA NA
CONTEMPORANEIDADE

Campo Novo do Parecis-MT
2023
FACULDADE ÁGORA - FAG

BACHARELADO EM PSICOLOGIA

LUCIARA LAURINI DA ROCHA

**A AUTOLESÃO NÃO SUICIDA NA ADOLESCÊNCIA NA
CONTEMPORANEIDADE**

Artigo apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia — Faculdade Ágora - FAG, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Me. Gerson Silveira Pereira.

Campo Novo do Parecis-MT

2023

FACULDADE ÁGORA - FAG

BACHARELADO EM PSICOLOGIA

Linha de Pesquisa:

ROCHA, Luciara Laurini da. Título: A Autolesão Não Suicida na Adolescência na Contemporaneidade. Artigo Científico (Trabalho de Conclusão). Faculdade Ágora – FAG. Campo Novo dos Parecis – MT, 2023.

Data de defesa: 21_/11_/2023

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Orientador: Prof. Me. Gerson Silveira Pereira
FAG

Membro Titular: Prof. Me. Eder Leandro de Paula

Membro Titular: Prof. Me. Dalila Mateus Gonçalves
FAG


Local:
Faculdade Ágora – FAG
Campo Novo dos Parecis - MT

DECLARAÇÃO DE AUTOR

Eu, LUCIARA LAURINI DA ROCHA, portador da Cédula de Identidade – RG nº 1429014-6 SSP/MT, e inscrito no Cadastro de Pessoas Físicas do Ministério da Fazenda – CPF sob nº 024.720.141-39, DECLARO E AUTORIZO, para fins de pesquisa acadêmica, didática ou técnico-científica, que este Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado A AUTOLESÃO NÃO SUICIDA NA ADOLESCÊNCIA NA CONTEMPORANEIDADE, pode ser parcialmente utilizado, desde que se faça referência à fonte e ao autor.

Autorizo, ainda, a sua publicação pela AJES, ou por quem dela receber a delegação, desde que também seja feita referência à fonte e ao autor.

Campo Novo dos Parecis – MT, 21 de novembro de 2023.

Documento assinado digitalment
 LUCIARA LAURINI DA ROCHA
Data: 28/11/2023 23:04:58-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Luciara Laurini da Rocha

A AUTOLESÃO NÃO SUICIDA NA ADOLESCÊNCIA NA CONTEMPORANEIDADE

NON-SUICIDAL SELF-INJURY IN ADOLESCENCE IN CONTEMPORARY TIMES

*Luciara Laurini da Rocha¹
Gerson Silveira Pereira²*

RESUMO

Levando em consideração que os comportamentos autolesivos, de caráter não suicida, compreende um ato definido e proposital de lesionar o seu próprio corpo, a fim de entendê-la como uma expressão de alívio ao corpo, pelo próprio corpo. Também pode ser entendida como uma atitude de ideação suicida, aumentando significativamente nos últimos anos. Anteriormente era conhecida como um comportamento de caráter psicopatológico, pertencente a transtornos e/ou comorbidades, porém, atualmente vem mostrando que não há ligação do ato com transtornos mentais. O presente artigo visa apresentar uma revisão bibliográfica buscando compreender quais os principais fatores que levam os adolescentes a se autolesionarem, bem como analisar as diferenças conceituais e variáveis apresentadas pela definição da autolesão não suicida. Para tanto foi realizada uma busca para a obtenção dos dados no Google Acadêmico, Scielo e Psico web, utilizando os termos: “adolescência”, “autolesão”, “automutilação”. A busca inicial resultou em 42 trabalhos, dos quais foram utilizados 22 para a obtenção de conteúdos, alguns abordavam a autolesão com automutilação, voltando-se às atitudes de agredir o próprio corpo na intenção de aliviar uma dor física e em alguns casos mais leves de simplesmente chamar a atenção para algo que o adoslescente deseja. Conclui-se que, apesar da utilização dos dois termos, há diferença significativa da autolesão, para a automutilação, contudo há consequências psicológicas advindas do processo de formação da identidade da fase da adolescência. Além do mais, mesmo com o expressivo número de pesquisas na área da Psicologia, apontam o quanto ainda se faz necessário realizar mais estudos e investigar o que de fato leva a essa ação.

Palavras-chave: Adolescência; Autolesão; Automutilação.

ABSTRACT

Taking into account that self-injurious behaviors, of a non-suicidal nature, comprise a defined and purposeful act of injuring one's own body, in order to understand it as an expression of

¹ROCHA, Luciara L. da. Acadêmica do Curso de Bacharelado em Psicologia da Faculdade Ágora. Campo Novo do Parecis-MT. E-mail: luciara.rocha.acad@faculdadeagora.edu.br

²SILVEIRA PEREIRA, Gerson. Psicólogo, mestre em Gestão Estratégica de Organizações e professor da Faculdade Ágora. E-mail: gerson.pereira@faculdadeagora.edu.br

relief to the body, by the body itself. It can also be understood as an attitude of suicidal ideation, increasing significantly in recent years. Previously it was known as a psychopathological behavior, belonging to disorders and/or comorbidities, however, it is currently showing that there is no link between the act and mental disorders. This article aims to present a literature review seeking to understand the main factors that lead adolescents to self-harm, as well as analyzing the conceptual differences and variables presented by the definition of non-suicidal self-harm. To this end, a search was carried out to obtain data on Google Scholar, Scielo and Psico web, using the terms: “adolescence”, “self-injury”, “self-mutilation”. The initial search resulted in 42 works, of which 22 were used to obtain content, some addressed self-injury with self-mutilation, focusing on the attitudes of attacking one's own body with the intention of relieving physical pain and in some milder cases of simply draw attention to something the teenager wants. It is concluded that, despite the use of both terms, there is a significant difference from self-injury to self-mutilation, however there are psychological consequences arising from the process of identity formation during adolescence. Furthermore, even with the significant number of researches in the field of Psychology, they point out how much more studies are still needed to investigate what actually leads to this action.

Keywords: Adolescence; Self-injury; Self-mutilation.

1 INTRODUÇÃO

A adolescência é um período importante do desenvolvimento humano, caracterizada por transformações corporais, hormonais e comportamentais. Estágio que corresponde à transição do período da infância para a fase adulta, a qual passa por um caminho de descobertas, anseios, dúvidas e desafios, marcada por inúmeros conflitos e sofrimentos psíquicos. Além de causar algumas reações em suas emoções e conseqüentemente mudanças em seus comportamentos, deixando claro o desejo pela sua autonomia e conquistas das competências da vida adulta (CASTRO, 2020).

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (Lei 8.069, de 1990), a adolescência refere-se ao período da vida entre doze a dezoito anos, em alguns casos esporádicos, estende-se até os vinte anos de idade. Período que mais apresenta questionamentos e argumentações, o qual oculta as incertezas e fragilidades de um ser humano que começa a ser cobrado um posicionamento sobre o decorrer de sua existência (ALMEIDA, 2021).

Segundo Calligaris (2000, p. 18):

A adolescência não é só uma moratória mal justificada, contradizendo valores cruciais de autonomia. Para o adolescente, ela não é só uma sofrida privação de conhecimento e independência, misteriosamente idealizada pelos adultos. É também um tempo de transição, cuja duração é misteriosa.

Ainda segundo o autor, quando ocorre essas mudanças fisiológicas, devido a puberdade,

fato este perceptível tanto para os pais, quanto para o ciclo de convivência do adolescente, é a fase onde o corpo busca compreender esse sujeito neste ainda desconhecido momento psíquico.

No entanto, refere-se a uma dinâmica, como se ele estivesse frente a um “espelho” e precisasse reedificar sua estrutura corporal, e se reconectar com seu momento atual, sua nova posição diante de seu semelhante (SOUZA, 2022). Para o psicanalista Sigmund Freud, a adolescência não se resume apenas na puberdade, isto é, o encontro com a sexualidade, e sim, como o processo de desligamento dos pais, o que caracteriza o adolescente como neurótico, localizando-se na diferença dos sexos, em outras palavras, trata-se da transformação do corpo do indivíduo em um corpo adulto (NUNES, 2023).

Considerando essa fase de transição, novas descobertas e insegurança do próprio “EU” surgem os casos de autolesão, expressão relativamente nova, porém possui suas bases ainda muito generalizadas, além de um elevado número de casos. No Brasil, devido a autolesão ser um assunto bastante relevante, o governo brasileiro sancionou a Lei 13.2019 (BRASIL, 2019) que torna obrigatória, aos estabelecimentos de saúde e escolas, a notificação compulsória dos casos de violência autoprovocada, incluindo tentativas de suicídio e a automutilação, por isso se faz tão importante novas pesquisas sobre este assunto como sugere Sônego & Furstenu (2021).

O ato de provocar marcas no corpo, que vão desde arranhões, até cortes mais profundos é um comportamento auto lesivo de agressão direta ao próprio corpo, com índice predominante ao sexo feminino (SOUZA, 2022). Considerando essa estimativa, torna-se importante tentar entender o que o adolescente está querendo expressar ao utilizar essas marcas corporais, sendo válidas tanto para expressão de assuntos psicossociais, como de relações familiares e sociais (ALMEIDA, 2021).

A autolesão não suicida (ALNS) está relacionada com um ato contra o próprio corpo, sem intenção consciente de suicídio, mas que pode provocar ferimentos graves. Essa conduta está associada a mecanismos de confronto com as emoções, uma forma de provocar a diminuição de tensão e até mesmo alívio do sofrimento e, normalmente, está interligado com relacionamentos interpessoais negativos (GABRIEL *et al*, 2020). Essa transferência da dor psicológica para a dor física, por mais estranho que pareça é algo agradável, contudo, logo essa ideologia de prazer passa e volta o sentimento de angústia, juntamente com o da vergonha, autocrítica, impulsividade, fragilidade e dificuldades em se expressar (SOUZA, 2022).

De acordo com Moraes (2020), “o cérebro produz endorfinas para aliviar a dor do corpo e esse alívio é sentido pelo indivíduo como um alívio da ansiedade”, assim, em consequência desse processo, o adolescente vivia-se nesse ato. Mesmo sentindo-se constrangido, ele não

consegue alterar essas atitudes, e com isso deixa marcas e cicatrizes em seu corpo para amenizar através da dor o sentimento de angústia.

Ainda segundo Moraes *et al* (2020), não tratar um adolescente que se mutila (seja qual for o motivo) é correr o risco de desenvolver um adulto improdutivo, frustrado, antissocial, depressivo, enfim, um ser humano doente.

Vale ressaltar que, o número de adolescentes que se autolesionam é bastante expressivo e preocupante, tanto pela idade quanto pelas causas que levam a esse ato, e por se tratar de um fato acometido principalmente por pessoas do sexo feminino. No decorrer desta pesquisa buscaremos compreender a diferença dos termos utilizados e o quanto essa ação afeta e interfere na vida familiar, social e emocional desses adolescentes, buscando um olhar atento e acolhedor para os sentimentos que envolvem esse misto de reações em uma das fases mais importantes da vida do indivíduo, a qual ele “abandona” a fase infantil, mas ainda não assume a fase adulta.

2 METODOLOGIA

O método utilizado foi de caráter qualitativo, o qual busca o estudo de um objeto, procurando interpretá-lo em termos do seu significado, desenvolvendo um entendimento profundo do assunto. Foi realizada uma busca para a obtenção dos dados no Google Acadêmico, Scielo e Psico web, além destas, visando complementar a busca, as referências técnicas voltadas a autolesão na adolescência também foram utilizadas como base de dados. Foram empregados os seguintes descritores gerais e suas combinações: “autolesão”, “adolescência”, “automutilação”.

Em relação aos critérios de inclusão foram levados em consideração: os trabalhos disponíveis no idioma português, publicados entre os anos de 2000 e 2023 e que contivessem dados sobre a agressão provocada ao próprio corpo como forma de aliviar sofrimentos. Após a busca nas bases de dados, procedeu-se a leitura dos títulos, palavras-chave e resumo, sendo excluídas as publicações que não correspondiam aos critérios de inclusão ou que fossem repetidos. Cumpre salientar que, o objetivo inicial era buscar somente por artigos científicos, porém abriu-se exceção para as publicações referenciadas no documento técnico, no caso, teses e dissertações, que contemplassem a temática.

3 ADOLESCÊNCIA

A adolescência é conceitualizada como o período de transição da infância para a fase

adulta, onde o indivíduo já não é mais considerado como criança, pois já apresenta certo grau de maturidade, mas também não se encaixam na fase adulta pela sociedade, o que causa determinado conflito e revolta, visto que, se instala nessa fase a insegurança, o principal traço da adolescência (OLIVEIRA, 2016).

De acordo com Vieira (2019), essa fase de transição envolve mudanças tanto biológicas, cognitivas como socioemocionais. Os processos biológicos são caracterizados por mudanças físicas em seu corpo, como ganhos de peso ou altura, entre diversas alterações hormonais. Já no processo cognitivo as mudanças acontecem nos pensamentos e inteligência, bem como, dificuldades de memorização. Nos processos socioemocionais as mudanças ocorrem nas emoções, seja nas dificuldades em relacionamentos interpessoais e até mudanças na personalidade, como episódios de agressividade e falta de assertividade.

Ainda vale ressaltar que além dessas fases, a adolescência passa por uma crise psíquica, a qual, o sujeito passa a responder por todos e quaisquer atos de maior responsabilidade, bem como tomar decisões e se posicionar frente às suas escolhas. A busca por esse ideal, apontado pela sociedade como uma forma de rebeldia, na verdade nada mais é, do que um desejo de ordem inconsciente dos adultos, ou seja, um período necessário para a vida (CALLIGARIS, 2000). Junto a essa crise psíquica, vem as mudanças do próprio corpo de forma instantânea, a sexualidade, e ainda as escolhas profissionais, contudo, o adolescente se vê frente a um imenso mundo social, cheio de questionamentos e incertezas (RODRIGUES, 2019).

4 AUTOLESÃO

A prática de marcar o próprio corpo não é algo característico da contemporaneidade. Relatos apresentam que desde o século 50 a.C essa ação já ocorria, porém era associado a subculturas pagãs, exibindo conteúdos místicos e se mantendo condenada até o século XVIII, correspondente à tradição judaico-cristã. (GONÇALVES, 2020). O ato de lesionar o corpo voluntariamente, estava relacionada a um protocolo breve ou afim de determinar a colocação ocupada pelo indivíduo (OLIVEIRA, 2016).

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM 5 (APA, 2014) apresenta a autolesão não suicida como uma perspectiva diagnóstica independente, apresentada no capítulo que traz “Condições para Estudos Posteriores”, os quais apresentam um conjunto de critérios diagnósticos nosológicas, a qual requer mais estudos (BORGES, 2012). Entretanto, foi mencionada na sessão III, na categoria que abrange os transtornos que requerem explorar outras fontes de informação e reexaminar os seus critérios diagnósticos (APA, 2014).

Já a Organização Mundial de Saúde (OMS) insere a autolesão em situações que apresentam violência autoinfligida, representando intencionalmente a força física existente ou ameaça contra si mesmo (OMS, 2014). Dentro do ato de violência autoinfligida estão: tentativas de suicídio, suicídio, autoflagelação, autopunição e autolesão (BRASIL, 2016). Já na terminação da automutilação para Almeida (2021), os sintomas e comportamentos variam de indivíduo para indivíduo, apresentando sintomas de se: cortar, queimar, fincar, bater, esfregar excessivamente, vindo acompanhados de irritabilidade, ansiedade, agressividade, choro recorrente, necessidade de isolamento, entre outros.

5 AUTOMUTILAÇÃO

A automutilação está presente em nosso meio desde muito tempo, porém, era apresentada como uma forma de expressões de práticas culturais, ritos de sobrevivência dos indivíduos e grupos (ALMEIDA, 2021). É caracterizada por um comportamento auto lesivo de agressão direta ao próprio corpo (SOUZA, 2022), como uma opção de aliviar a dor psíquica ou sofrimento de forma imediata, bem como de esquecer e/ou aliviar os fatores que a provocou, além de ser um ato predominante ao sexo feminino (ALMEIDA, 2021). Quando um adolescente provoca a automutilação, ela está tentando externar a sua dor interna, tornando assim seu sofrimento visível fisicamente, aliviando suas aflições, a qual é exposta na pele, apresentando ali o seu sentir (FONTANA FILHO; AGUIAR, 2023).

De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5-TR (APA, 2023), a automutilação não suicida é apresentada como autolesão não suicida, caracterizada por indivíduos que se envolveram em danos auto infligidos intencionais ao próprio corpo de modo que possa induzir sangramento, hematomas ou dor na ausência de intenção suicida. O manual apresenta os seguintes comportamentos: cortar, queimar, bater, fincar, esfregar excessivamente, na intenção da lesão ser apenas um dano físico, não chegando ao estágio do suicídio (ALMEIDA, 2021).

Outra questão que a mídia nos mostra atualmente é que a automutilação está cada vez mais frequente, e é importante que todas as áreas da saúde, educação e a sociedade em geral se atentem a essas discussões (CASTRO, 2020). Visto que, além da agressão sofrida pela automutilação, outros fatores de risco são consideráveis, como a insegurança, baixa auto estima e instabilidade emocional; além dos problemas relacionados à abuso na infância, dificuldades de apego e negligência; e ainda, encontramos questões familiares, como a separação dos pais e violência familiar; na sociedade, ocorre o Bullying, má influência de amigos, os quais também

praticam a automutilação e as dificuldades de relacionamento; outro fator importante são os Transtornos psiquiátricos, entre elas a Personalidade de Borderline, ansiedade e depressão (VIEIRA, 2019).

O termo automutilação por vezes, é aplicado incorretamente, pois suas consequências são mais graves quando comparadas às da autolesão. A automutilação é caracterizada pelo ato de amputar algum membro, bem como casos de enucleação ocular e castração, e tornam-se irreversíveis, podendo até por em risco a própria vida. Já a autolesão, ela provoca marcas no corpo, algumas mais superficiais, outras mais profundas, as quais podem, em alguns casos, precisar de intervenção médica para reparar, contudo, não causam risco de morte.

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Entre os anos de 2012 e 2023 foram publicados vários artigos com a terminologia: automutilação na adolescência, onde 42 trabalhos foram selecionados. A partir do uso dos descritores escolhidos este número foi reduzido para 22, os quais contemplaram os objetivos da pesquisa conforme apresentado no quadro 1. Já os resultados dos outros 20 trabalhos não contemplaram os descritores, pois nenhum se relacionou diretamente com a temática em questão. Cumpre salientar que, mesmo havendo muitos outros trabalhos publicados que não foram citados especificamente, alguns dos artigos encontrados se mostraram relevantes para a construção dessa pesquisa.

Quadro 1. Relação de publicações que contemplaram os critérios de inclusão

Autores/Ano	Título	Base de dados	Modalidade
ALMEIDA, Kaline B. R. (2021)	Automutilação na adolescência: fatores associados e contexto escolar.	SCieLo/ Google Acadêmico/ Psico Web	Artigo
ALMEIDA, Rodrigo S., CRISPIM, Maria Sônia S. <i>et al</i> (2018)	A prática da automutilação na Adolescência: o olhar da Psicologia escolar/educacional.	SCieLo/ Google Acadêmico/ Psico Web	Artigo
APA, American Psychiatric Association. (2014)	Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5	SCieLo/ Google Acadêmico/ Psico Web	Manual Diagnóstico
BORGES, Carolina N. L.O. (2012)	À flor da pele: Algumas reflexões a propósito de um estudo de caso sobre autolesão.	SCieLo/ Google Acadêmico/ Psico Web	Tese

BRASIL (1990)	Estatuto da criança e do adolescente: Disposições constitucionais pertinentes: lei 8.069, de 13 de julho de 1990.	SCieLo/ Google Acadêmico/ Psico Web	Estatuto
CALLIGARIS Contardo (2000)	A adolescência	Livro	Livro
CASTRO, Luciana S. (2020)	Automutilação na adolescência: a necessidade da escuta no contexto escolar.	SCieLo/ Google Acadêmico/ Psico Web	Monografia
CRIPPA, José Alexandre de S. (2023)	Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR., texto revisado.	SCieLo/ Google Acadêmico/ Psico Web	Manual Diagnóstico
CRONEMBERGER, Gerlany L. & SILVA, Raimunda M. (2022)	Autolesão não suicida em mulheres jovens: compreensão dos significados envolvidos no ato autolesivo.	SCieLo/ Google Acadêmico/ Psico Web	Artigo
FONTANA FILHO, Maurício & AGUIAR, Amanda A. M. (2023)	Automutilação na adolescência e multiplicidade causal: a psicanálise no projeto integrador.	SCieLo/ Google Acadêmico/ Psico Web	Boletim de Conjuntura
GABRIEL, Isabela M. <i>et al</i> (2020)	Autolesão não suicida entre adolescentes: significados para profissionais da educação e da Atenção Básica à Saúde.	SCieLo/ Google Acadêmico/ Psico Web	Artigo
GARRETO, Anna. K. R. (2015)	O desempenho executivo em pacientes que apresentam automutilação.	SCieLo/ Google Acadêmico/ Psico Web	Dissertação
GONÇALVES, Aline F. (2020)	Autolesão na adolescência e as redes sociais virtuais.	SCieLo/ Google Acadêmico/ Psico Web	Dissertação
LORENZETTI, Laura (2021)	A autolesão não suicida em idade escolar: uma agressão que conforta?	SCieLo/ Google Acadêmico/ Psico Web	Dissertação
MENEZES, Mariana S. & FARO, André (2023)	Avaliação da Relação entre Eventos Traumáticos Infantis e Comportamentos Autolesivos em Adolescentes.	SCieLo/ Google Acadêmico/ Psico Web	Artigo
MORAES, Danielle X., MOREIRA, Érika S., <i>et al.</i> (2020)	“Caneta é a lâmina, minha pele o papel”: fatores de risco da automutilação em adolescentes.	SCieLo/ Google Acadêmico/ Psico Web	Artigo

NUNES, L. F.& CASTRO, M. M. (2023)	Estudo teórico: A Automutilação na Adolescência na Visão da Psicanálise	SCieLo/ Google Acadêmico/ Psico Web	Artigoca
OLIVEIRA, Tainá A. (2016)	Automutilação do corpo entre adolescentes: Um sintoma social ou alerta de Transtorno Mental?	SCieLo/ Google Acadêmico/ Psico Web	Monografia
RODRIGUES, Danieli L. (2019)	Automutilação em adolescentes	SCieLo/ Google Acadêmico/ Psico Web	Monografia
SÔNEGO, Roselaine V. & FURSTENAU, Kitty K. (2021)	O Fenômeno Autolesivo em adolescentes numa perspectiva sistêmica.	SCieLo/ Google Acadêmico/ Psico Web	Artigo
SOUZA, Fabiana C. (2022)	Automutilação na adolescência e suas narrativas em contexto social.	SCieLo/ Google Acadêmico/ Psico Web	Artigo
VIEIRA, June K. A. L. (2019)	Automutilação em adolescentes: Tratamento na abordagem terapia cognitivo- comportamental	SCieLo/ Google Acadêmico/ Psico Web	Monografia

Fonte: Elaborado pela autora, (2023).

A partir dos resultados obtidos é possível identificar que devido os adolescentes passarem por todas essas fases, e por essa perda temporária da sua própria identidade, mudanças corporais, experiências emocionais dolorosas, conflitos e fantasias, é esperado que o corpo seja o aliado para expor a instabilidade e agitação nesse período de transição, assim como, alterações no humor, instabilidades emocionais, sinais depressivos, violação de regras, como a automutilação por exemplo, entre outros, são comuns acontecerem (ALMEIDA; CRISPIM; SILVA; PEIXOTO, 2018).

Diante disso, foi possível analisar pesquisas já realizadas anteriormente, colocando um olhar mais atento e direcionado para compreender a exteriorização da dor que faz provocar a autolesão em jovens adolescentes. Lorenzetti (2021), nos trás que esse feito foi descrito, pela primeira vez com o termo Automutilação, isso no ano de 1938, pelo Psiquiatra Karl Menninger, em seu livro “Man Against himself”. Menninger, trazia que a automutilação se refere a um ato capaz de tranquilizar a pessoa, evitando assim o suicídio. Já para o autor Garreto (2015), esse fenômeno ocorreu apenas nos anos 1970, que foi aonde o ato de se autolesionar tornou-se algo relevante, de caráter clínico e objeto de pesquisa para os psiquiatras e psicólogos.

De acordo com Sônego & Furstenu (2021) os estudos sobre esse tema começaram na década de 60 e 70, um período em que se dedicaram a compreender o autoenvenenamento e a

autolesão dentro de uma mesma categoria comunicacional, e ambas definições descreviam uma forma de comunicar desejo de morte, ou pedido de ajuda, com marcante situação epidêmica daquela época. Cumpre salientar que mesmo com tantas pesquisas, ainda foi possível identificar diferentes entendimentos para compreender a automutilação como conhecida popularmente, contudo, o que podemos perceber é que a autolesão ainda é um sintoma, podendo se apresentar em vários casos psiquiátricos.

Na literatura, é possível identificar que a pele é o maior órgão do corpo humano, visto que é ela que corresponde ao meio envolvente, proporcionando um processo de regulação através do qual o organismo consegue manter-se em equilíbrio, entre o interno e o externo e, começando a estabelecer os nossos limites (BORGES, 2012). Similarmente, Vieira (2019) nos apresenta dentro da automutilação quatro funções. A primeira refere-se ao reforço automático negativo, usado para esquivar-se de alguns estados emocionais ou cognitivos para amenizar a dor ou esquecer fatos que levam a pensamentos e sentimentos ruins, como o de culpa por exemplo.

A segunda apresenta o reforço automático positivo, onde a automutilação é realizada para provocar uma situação desejável, no intuito de sentir algo ao praticar a agressão física. O reforço social positivo é a terceira função, o que caracteriza a automutilação como uma forma de chamar atenção das pessoas. O último reforço é o social negativo, onde a prática da automutilação é usada para fugir de alguma responsabilidade.

Segundo Cronemberger e Silva (2023), a autolesão está cada vez mais precoce entre os adolescentes, o que propõe a sociedade ter um olhar mais atento, com o objetivo de identificar o comportamento destes, para assim tentar, prevenir e evitar que esse número de casos aumente. Visto que o ato da autolesão não suicida está presente na maioria das vezes em adolescentes em diversas faixas etárias. Considerando assim, alguns aspectos psicológicos satisfatórios a serem abordados nas intervenções, entre eles: a auto aceitação e desenvolvimento da autoestima, assertividade, habilidade de lidar com as próprias emoções e sentimentos, competência para resolver os problemas e saber trabalhar com as frustrações, bem como, ensiná-los como se dá o comportamento autolesivo (MENEZES; FARO, 2023).

Diante disso, outro fator relevante é o de salientar a importância do profissional psicólogo frente a essa problemática, eliminando quaisquer formas de negligência, violência, falta de acolhimento e empatia, bem como a necessidade de realizar uma escuta ativa às demandas trazidas por esses adolescentes, como nos é estabelecido pelo código de ética profissional, afim de compreender e amenizar as causas que levam tantos jovens a se autolesionarem.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos a respeito da autolesão não suicida na adolescência na contemporaneidade nos mostra quão desconhecido é a gravidade desses atos, pois muitas vezes não são simples rasuras superficiais na pele, são cortes profundos feitos para tentar amenizar algum sofrimento psíquico intenso, consequência de marcas maiores e mais doloridas que as feitas no próprio corpo. Quando pensado na temática deste trabalho, a ideia inicial, era a compreensão da dor psíquica desses adolescentes que as levavam a cometer esse ato contra o próprio corpo, contudo, muitos artigos trazem a nomenclatura “automutilação”, quando na verdade há uma grande diferença entre esta e a autolesão.

Outro fator importante a ser considerado é o período em que o adolescente se encontra, visto que é a fase em que ele precisa lidar com inúmeros conflitos subjetivos característicos da idade e o reconhecimento de si próprio. E quando ele não encontra suporte para expressar todos esses sentimentos, afim de canalizar suas angústias, é onde abre caminhos para se autolesionar, provocando cortes por meio de objetos cortantes como gilete, compasso, faca, pedaços de vidros, entre outros.

Contudo, a importância de conhecer e entender sobre este assunto e os reais fatores que estão associados a este ato, e assim, conseguir orientar sobre as melhores estratégias de intervenção preventiva, tanto para a família quanto para os educadores, amigos e profissionais da área da saúde, buscando se um ponto de apoio e referência na formação de indivíduos mais preparados mentalmente para as adversidades da vida, encontradas no dia a dia. Bem como, pensar na possibilidade de integrar essa demanda com uma rede de apoio que apresente interesses em comum para melhorias dos indicadores que relacionam a saúde mental desses adolescentes, afim de sensibilizar toda a comunidade para o cuidado com os adolescentes, principalmente nos ambientes familiar e escolar, onde estes passam maior parte do tempo.

Além disso, orientar de forma correta e eficaz sobre o manejo clínico quanto aos tratamentos psicológicos, que são extremamente importantes e sucessivamente a tratamentos medicamentosos, quando há necessidade de tal intervenção, principalmente pelo fato de um dos sintomas que levam ao ato de se lesionar estar associado a sintomas depressivos, crises de ansiedade e estresse.

Face aos resultados obtidos, foi possível perceber que, apesar do elevado número de casos e estudos sobre este assunto, ainda há muito a ser estudado e compreendido. Considerando a grande contribuição que a psicologia pode oferecer para amenizar esses sintomas e ações,

ainda há muito preconceito e resistência tanto dos pais quanto dos adolescentes a buscarem ajuda profissional, para melhor lidarem com seus sentimentos e emoções.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Kaline Brandão Ribeiro de. **Automutilação na Adolescência: Fatores Associados e Contexto Escolar**. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Santo Antônio de Jesus, BA: [s. n.], 2021. 26 p. Disponível em: http://repositorioexterno.app.ufrb.edu.br/bitstream/123456789/2396/1/Automutila%C3%A7%C3%A3o%20na%20adolesc%C3%Aancia_Kaline_final.pdf. Acesso em: 16 fev. 2023.

ALMEIDA, Rodrigo da Silva; CRISPIM, Maria Sônia da Silva; SILVA, Dionísio Souza da; PEIXOTO, Sandra Patrícia Lamenha. A Prática da Automutilação na Adolescência: O Olhar da Psicologia Escolar/Educacional. **Psicologia: Ciências Humanas e Sociais**, v. 4, n.3, p. 147-160, 2018. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/fitshumanas/article/view/5322/2803>. Acesso em: 30 set. 2023.

BORGES, Carolina Nunes Leal de Oliveira. **À Flor da Pele: Algumas Reflexões a Propósito de um Estudo de Caso sobre Autolesão**. ISPA – Instituto Universitário: Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/2282/1/14892.pdf>. Acesso em: 26 set. 2023.

BRASIL. **Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990**: Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras Providências. Brasília, DF: Casa Civil, 1990. 6º ed. 177 p. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266. Acesso em: 23 fev. 2023.

CALLIGARIS, Contardo. **A Adolescência**. São Paulo, SP: Publifolha, 2000. 81 p. v. 1. ISBN 85-7402-215-2.

CASTRO, Luciana da Silva de. **Automutilação na Adolescência: A Necessidade da Escuta no Contexto Escolar**. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUI. Ijuí, RS, 2020. 46 p. Disponível em: <https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/bitstream/handle/123456789/7032/LUCIANA%20DA%20SILVA%20DE%20CASTRO.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 16 fev. 2023.

CRIPPA, José Alexandre de Souza (coord.). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM -5 -TR**. 5, texto revisado. Porto Alegre: Artmed Editora LTDA, 2023.

CRONEMBERGER, Gerlany Leal; SILVA, Raimunda Magalhães da. Autolesão não Suicida em Mulheres Jovens: compreensão dos significados envolvidos no ato autolesivo. **Revista de Saúde Coletiva**, v. 33, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/98hfXh9RCdYSMVhmt8NrvNF/>. Acesso em: 30 set. 2023.

FONTANA FILHO, Maurício; AGUIAR, Amanda Aparecida Mello de. **Automutilação na Adolescência e Multiplicidade Causal: a Psicanálise no Projeto Integrador II da UNIJUI**. Boletim de Conjuntura, ano V, volume 13, nº 37, 2023. Disponível em:

<https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/788>. Acesso em: 18 out. 2023.

GABRIEL, Isabela Martins; COSTA, Luiza Cesar Riani; CAMPEIZ, Ana Beatriz; *et al.* **Autolesão não suicida entre adolescentes: significados para profissionais da educação e da Atenção Básica à Saúde.** Escola Anna Nery, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/QyNHwtKW6hx3Xq9gTKgYKnh/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 04 out. 2023.

GARRETO, Anna Karla Rabelo. **O desempenho executivo em pacientes que apresentam automutilação.** Dissertação Mestrado em Psiquiatria. Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo – SP (2015). Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5142/tde-06082015-124601/publico/AnnaKarlaRabeloGarretoVersaoCorrigida.pdf>. Acesso em: 04 out. 2023.

GONÇALVES, Aline Ferreira. **Autolesão na adolescência e as redes sociais virtuais.** 121 f.: il.; tab. Dissertação (mestrado) – Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/55280/aline_ferreira_goncalves_ensp_mest_2020.pdf?sequence=2&isAllowed=y. Acesso em: 05 set. 2023.

LORENZETTI, Laura. **A Autolesão não Suicida em Idade Escolar: Uma Agressão que conforta?** 96 f.: il. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2021. Disponível em: https://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/bitstream/handle/123456789/16492/ccv_ppgpsico_me_Laura_L.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 18 out. 2023.

Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais [recurso eletrônico]: **DSM-5 / American Psychiatric Association**; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento ... *et al.*; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli. [*et al.*]. – 5. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=QL4rDAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT13&dq=Manual+diagn%C3%B3stico+e+estat%C3%ADstico+de+transtornos+mentais:+DSM-5.&ots=nR5HzFA9HT&sig=hwKNk4Aena-FrGDcosWn8V8tVVM#v=onepage&q=Manual%20diagn%C3%B3stico%20e%20estat%C3%ADstico%20de%20transtornos%20mentais%3A%20DSM-5.&f=false>. Acesso em: 16 fev. 2023.

MENEZES, Mariana Siqueira; FARO André. Avaliação da Relação entre Eventos Traumáticos Infantis e Comportamentos Autolesivos em Adolescentes. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 43, e247126, 1-14, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/hXCbQdHhr97z5SNnKj9XL8f/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 out. 2023.

MORAES, Danielle Xavier; MOREIRA, Érika de Sene; SOUSA, Johnatan Martins; *et al.* “Caneta é a lâmina, minha pele o papel”: fatores de risco da automutilação em adolescentes. **Revista Brasileira de Enfermagem**, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/PHCSPVm5wQncdn6LfdxWV9K/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 18 out. 2023.

NUNES, Larissa de Fátima; CASTRO, Marcelo Matta de. A Automutilação na Adolescência na Visão da Psicanálise. **Revista Psicologia E Saúde Em Debate**, 2023. 8(2), 246–259. Disponível em: <http://www.psicodebate.dpgpsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/921/559>. Acesso em: 16 fev. 2023.

OLIVEIRA, Tainá Almeida de. **Automutilação do Corpo entre Adolescentes: Um Sintoma Social ou Alerta de Transtorno Mental?** Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade Bahiana de Medicina. Salvador – BA, 2016. Disponível em: <https://repositorio.bahiana.edu.br:8443/jspui/bitstream/bahiana/326/1/TCC%20gravar%20%28Tain%c3%a1%20Oliveira%29.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2023.

REIS, Ana Lígia Fernandes; OLIVEIRA, Sônia Aparecida da Cruz; ESPOLADOR, Gabriela Martins; WERNECK, Alexandre Lins. **Caracterização dos casos notificados de violência interpessoal e autoprovocada**. Brasil. Ministério da Saúde. Vigilância de violência interpessoal e autoprovocada (VIVA/SINAN). Brasília, DF: o autor, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/4979/497958150010/497958150010.pdf>. Acesso em: 18 out. 2023.

RODRIGUES, Danieli Lopes. **Automutilação em Adolescentes**. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí, Santa Rosa, 2019. Disponível em: Acesso em: 05 set. 2023.

SÔNIGO, Roselaine Vieira; FURSTENAU, Kitty Kurzawa. **O Fenômeno Autolesivo em adolescentes numa perspectiva sistêmica**. Brazilian Journal of Development, Curitiba, v.7, n.6, p. 60380-60414, 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/31526>. Acesso em: 18 out. 2023.

SOUZA, Fabiana Cardoso de. **Automutilação na Adolescência e suas Narrativas em Contexto Social**. Trabalho de Conclusão de Curso. Centro Universitário Mauá de Brasília. Taguatinga – DF, 2022. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282019000200010. Acesso em: 16 fev. 2023.

VIEIRA, June Kelly Aparecida de Lima. **Automutilação em adolescentes: tratamento na abordagem terapia cognitivo-comportamental**. Monografia. Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA. Ariquemes – RO, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unifaema.edu.br/bitstream/123456789/2594/1/June%20Kelly%20Aparecida%20De%20Lima%20Vieira.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2023.